



CANTINHO DO CHICO

CHICO JÁ SABIA

No ano de 2002, quando Miguel Pereira estava escrevendo o livro “Doações de Amor”, encaminhou-se a Uberaba com o propósito de comunicar o fato a Chico Xavier e também para convidá-lo a participar na obra.

No momento em que Miguel adentrou a casa de Chico, antes que pudesse dizer algo, para sua surpresa, ouviu de Chico:

– **Miguel, eu topo a parceria no livro.**

Natalino

NÃO POSSO ACEITAR DINHEIRO

Uma senhora, residente em Belo Horizonte, casada com um alto funcionário do Estado, por ser parente do sr. Armandinho, procurou-o para, por seu intermédio, falar ao Chico. Atravessava uma quadra de sofrimentos. Havia perdido o pai e um ente familiar achava-se gravemente enfermo.

O sr. Armandinho levou-a à casa do Médiun, que resolveu, satisfatoriamente, o seu caso, e, ainda, possibilitou-lhe recebesse uma mensagem do progenitor, que se autenticara pela letra, pelo assunto e pela espontaneidade com que fora recebida. Agradecida e emocionada com o que recebera do seu pai, tanto mais que o Chico ignorava o que se passava, pegou uma cédula de 200 cruzeiros e a ofereceu ao Médiun como gratidão e para que comprasse um presente.

E, escusando-se delicada e humildemente, o Chico a abraçou dizendo-lhe:

– **”Não posso aceitar, minha irmã, nenhum dinheiro. Tudo que recebo é de graça, vem de mais Alto, por misericórdia intensa do Pai: devo também dar de graça para continuar digno do Amparo que lhe recebo.**

–A senhora, concluiu o sr. Armandinho, despediu-se surpresa, agradecida e emocionada, por ver um rapaz tão pobre, tão bondoso, portador de tanta virtude, inclusive da que o fazia renunciar ao dinheiro e exclamou: - *Ele é mesmo digno da Missão que possui. Jesus o protege.*

Do livro: Lindos Casos de Chico Xavier - Ramiro Gama - Ed Lake

TEMPORÁRIA SEPARAÇÃO

Continuando os desequilíbrios do Chico, em janeiro de 1920, João Cândido Xavier, seu pai, pediu ao padre que fosse mais exigente com a criança, no confissão.

O sacerdote concordou com a sugestão...

-Mas, padre, foi minha mãe quem veio.

- Foi o demônio

Quando o vigário lhe ouvia as referências sobre as rápidas entrevistas com Dona Maria João de Deus, desencarnada desde 1915, falou-lhe francamente:

– Não, meu filho. Isto não pode ser.

Ninguém volta a conversar depois da morte. O demônio procura perturbar-lhe o caminho...

– Mas, padre, foi minha mãe que veio...

– Foi o demônio.

Severamente repreendido pelo vigário, o menino calou-se, chorando muito.

O sr. João Cândido, católico de Santa Luzia do Rio das Velhas deu razão ao padre.

Aquilo só podia ser obra do demônio.

Chico refugiou-se no carinho da madrastra, alma compreensiva e boa.

E dona Cidália lhe disse:

– Você não deve chorar, meu filho. Ninguém pode dizer que você esteja perseguido pelo demônio. Se for realmente sua mãezinha quem veio conversar com você, naturalmente isto acontece porque Deus o permite. E Deus estando no assunto ajudará para que isso tudo fique esclarecido.

À noite desse dia, Chico sonhou que reencontrava a progenitora.

Dona Maria abraçou-o e recomendou:

– Repito que você deve obedecer a seu pai e ao vigário. Não brigue por minha causa. Por algum tempo você não mais me verá, contudo, se Jesus permitir, mais tarde estaremos juntos. Não perca a paciência e esperemos o tempo.

Chico acorda em pranto. Enxugou os olhos resignado.

E, por sete anos consecutivos, não mais teve qualquer contato pessoal com a mãezinha, para somente receber-lhe as mensagens psicografadas em 1927 e revê-la, de novo, pela vidência mais clara e mais segura, em 1931, quando mais familiarizado com o serviço mediúnico, ao qual se entregara de coração

Do livro: Lindos Casos de Chico Xavier - Ramiro Gama - Ed Lake



INFORMATIVO ESPÍRITA OS MENSAGEIROS

Órgão Divulgador do Espiritismo

CORREIOS
IMPRESSO ESPECIAL
5964 / 01 - DR / SPM
MENSAGEIROS

Aos famintos do espírito uma mensagem. Aos famintos do estômago, um prato de alimento e uma mensagem

José Gonçalves Pereira - Fundador do Grupo Espírita “Os Mensageiros” em 18/04/1953

ANO VI - Nº 31/32

Grupo Espírita “Os Mensageiros”

Set/Out/Nov/Dez - 2007

O CENTRO ESPÍRITA NÃO PODE “DESENCARNAR” JUNTO COM SEUS DIRIGENTES.

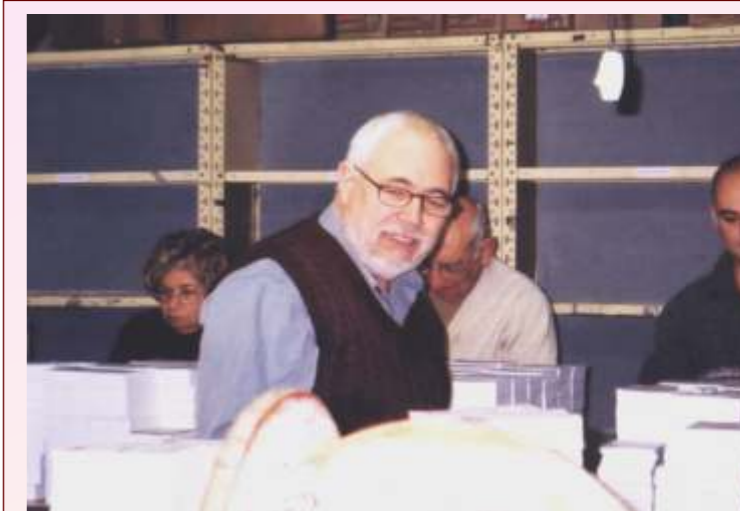
É PRECISO INSERIR O JOVEM NA TAREFA PARA QUE A OBRA TENHA CONTINUIDADE.

Jovens Mensageiros

Cadastre sua Casa Espírita neste trabalho de divulgação e integração da juventude



Caixa Postal 522 - 01059-970
São Paulo / SP
www.mensageiros.org.br



12 de dezembro, Miguel Pereira, 2 anos na Espiritualidade

Nossa saudade permanece, e também a convicção de que segue conosco no desenvolvimento dos trabalhos do Grupo Espírita “Os Mensageiros.

(na foto, Miguel cercado pelas mensagens, tarefa que abraçou e batalhou sem trégua, por mais de 30 anos)

página 02 - Editorial

página 03 - Queima dos livros de Kardec - Auto de fé de Barcelona

página 04 - Recados sobre Divulgação

página 05 Divulgação Espírita - Bezerra de Menezes

páginas 6 e 7 - Mural: Mensagem de Natal

página 08/09 - Questão de Espiritismo Legal

pagina 10 e 11 - Perda de entes queridos

página 12 - Cantinho do Chico



“PROGRAMA MENSAGEIROS NO AR”

SEMPRE ÀS TERÇAS-FEIRAS ÀS 13:30
Rádio Boa Nova - AM 1450 Gde. São Paulo - AM 1080 - Sorocaba e Região

Ouçã a qualquer hora o programa gravado na Internet(off-line)
Www.radioboanova.com.br

Editorial

A edição deste jornal, juntamente com a remessa das mensagens de Natal, marcam o encerramento de mais um ano de atividades dos “Mensageiros”.

Para que tenhamos uma idéia, a mensagem, desde sua elaboração até chegar às mãos do leitor, passa por dezenas de processos de manuseio, movimentando um grande número de voluntários.

Da elaboração da matriz à prova e correção. Da impressão ao refile. Da contagem ao enfaixamento. Do empacotamento ao etiquetamento. Das idas e vindas aos correios e transportadoras.

Já nos distribuidores regionais, nova separação, adequando as quantidades para entregá-las pessoalmente às Casas Espíritas na sua região e mais envelopamentos, reempacotamentos e ainda novos reenvios aos destinatários finais.

Já nas Casas Espíritas, voluntários providenciam sua distribuição entre os frequentadores e outros vão ao comércio, depositando-as nas caixinhas de dezenas de estabelecimentos que disponibilizam espaço para este fim.

Outros ainda as distribuem de “mão a mão” nas praças, ônibus, feiras, cemitérios e eventos.

De outro lado, centenas de mantenedores, regularmente nos enviam os recursos financeiros destinados somente ao custeio de material e despesas de correio, visto que todos os colaboradores são voluntários e oferecem sua mão de obra totalmente gratuita.

...Como gota de luz
fazendo brilhar
a única Estrela
que é a própria
Doutrina

Tentar quantificar o número de trabalhadores nesta obra não é simples. Apenas estimamos em milhares que, neste 54 anos de existência do Grupo”, foram se aproximando e, percebendo a importância da tarefa, dedicam parte de seu tempo na sua execução.

Sem chefes nem patrões a lhes cobrar a execução, senão, ouvindo a própria consciência a lhes indicar o que lhes cabe realizar.

Trabalham para o Cristo e isto lhes é a melhor paga.

Um trabalho simples, silencioso e persistente, onde não se busca evidência, até pela sua própria natureza, distribuindo a mensagem como gota de luz, fazendo brilhar a única estrela que é a própria Doutrina.

Meditemos no exemplo de Paulo de Tarso, o Grande Divulgador do Cristianismo.

Kardec, Chico Xavier e tantos outros “bandeirantes” que à custa de enormes sacrifícios pessoais, abriram as espinhosas estradas para fazer chegar até nós o Evangelho do Cristo à Luz da Razão.

Nesta reflexão encontraremos a justa motivação para prosseguirmos neste movimento com a humildade e simplicidade no reconhecimento de pequenos servidores que somos, tendo o privilégio de participar desta importante tarefa pois, a estrada já foi aberta e pavimentada com o suor e a renúncia destes Grandes Divulgadores que nos antecederam.

O editor

ALLAN KARDEC CHICO XAVIER
BALUARTES DA CODIFICAÇÃO



RECONHECENDO A BONDADE DE DEUS.

“Nada mais soube senão que acordei num aposento espaçoso e reconfortante, no regaço de alguém que supus fosse você... A vida é tão perfeita, depois da liberação do corpo físico, que de modo algum me imaginaria transferida de vivência e de plano...”

(*) A impressão de confusão entre duas realidades é comum, tal a semelhança entre o exemplo de muitos outros espíritos em processo de desencarnação, Egle despertou no leito de um dos muitos hospitais existentes na próxima dimensão.

(*) Aliás, um é prolongamento do outro, com uma diferença substancial: no espiritual, a Lei da Afinidade impõe o agrupamento dos espíritos conforme o estado consciencial de cada um.

(*) Na realidade mais densa, porém, acontece a heterogeneidade de condições espirituais que determinam as experiências em comum a burilar os espíritos pelo entrecabo de interesses.

FAZ PARTE.

(-) “Uma dor de cabeça insistente me travava os movimentos e deixei-me aquietada naquele colo de carinho e de bênção, sem palavras e sem outros sinais que não fossem os meus pensamentos voltados para o Roberto, a fim de tranqüilizá-lo. E digo assim porque a certeza de que estava em sua companhia não se me arredava da mente; com surpresa, porém, logo após, me vi diante da vovó Hebe e da vovó Clementina que me retinham perto do coração”.

(*) Egle revela experimentar os efeitos da pancada sofrida na cabeça em consequência da queda de que foi vítima, bem como de não ter se apercebido direito dos que a cercavam.

(*) O despertar para o momento que vivia a fez reconhecer duas personagens que lhe eram caras: as avós Hebe e Clementina, as que tinham a incumbência de a introduzir na realidade extra-física.

NÃO PODERIA SER EVITADO.

(-) “Mãezinha, volte ao seu trabalho e perdoe sua filha, se tomei a máquina sabendo que você estaria aflita por minha causa. Perdoe-me e saiba que preciso também de sua paz, a fim de retornar à minha tranqüilidade própria”.

(*) A mãe de Egle, em mais de uma vez, manifestou sua contrariedade com o fato da filha usar a garupa da moto do marido em deslocamentos para diferentes pontos ou passeios.

(*) No episódio em que ela perdeu a vida física, também havia desaconselhado o passeio, razão pela qual a filha se desculpa.

(*) O acidente, contudo, foi apenas um detalhe, já que a desencarnação da jovem estava marcada para acontecer.

PROVA DIFÍCIL.

(-) “Você pode imaginar o meu espanto, até que a compreensão de tudo desabrochou, de repente, por dentro da minha alma e percebi que era preciso encontrá-la para dizer-lhe que estava mais viva do que antes e que necessitava de sua tranqüilidade para recobrar a minha própria paz”.

(*) Neste trecho de sua carta Egle revela o instante da conscientização e os primeiros pensamentos que eclodiram em sua mente: dizer à mãe que continuava viva e que precisava de sua tranqüilidade para recobrar a própria paz.

(*) As compreensíveis dificuldades enfrentadas por esse anseio de intercâmbio, devem se constituir numa prova difícil para os envolvidos no drama imposto pela inesperada morte física.

(*) A Providência Divina, porém, cria meios de socorrer o lado mais debilitado, por vezes, criando formas de aproximação, seja de forma ostensiva, através de médiuns, seja subjetivamente, através

do sono físico, por exemplo, em que encontros ou reencontros são efetuados.

ÚNICA ALTERNATIVA.

(-) “As queridas benfeitoras me reconfortaram, mas não descansei enquanto não misturamos, nós duas, as mesmas lágrimas. Agora que não preciso detalhar a nossa situação, peço-lhe coragem para retomar os nossos hábitos. Não precisará idear circunstâncias inexistentes, porque o nosso Roberto não teve culpa alguma, repito. Naturalmente, tudo devia suceder qual sucedeu para que nós duas retornássemos à completa integração uma com a outra”.

(*) Apesar do esforço das avós por tranqüilizá-la, Egle conta que só começou a experimentar melhoras quando esteve ao lado da mãe, chorando junto com ela.

(*) Mais uma vez, reafirma à mãe a inocência do ex-marido que, na verdade, acabou sendo instrumento para o “resgate” da moça.

(*) Tal ocorrência, como frisa Egle, apenas serviu para que ela se aproximasse mais da mãe com quem vivera a maior parte de sua vida física.

CHICO NÃO SABIA.

(-) “A casa do tio Irlei e da tia Neusa, é um santo refúgio, mas temos o nosso recanto na cidade. Não viaje tanto e volte aos nossos documentos do cartório. O trabalho dissolverá nossas penas. Imagine-me ainda sua criança. Ensine-me a falar em Deus, faça-me rezar de novo. Direi que você é a minha mãezinha Therê, e nós duas sozinhas nos beijaremos com aquela certeza de que sou de seus braços por haver nascido de seu coração”.

(*) Deprimida, a mãe de Egle, deixou de trabalhar e isolou-se na propriedade dos tios citados pela jovem, buscando ainda a fuga da realidade através de constantes viagens quando não estava no recanto citado.

(*) Egle, porém, tenta incentivar a mãe a retornar ao trabalho, o grande remédio para os males decorrentes dos traumas experimentados pelo ser humano em suas vivências.

(*) Chico Xavier, por sinal, aponta além do trabalho, o remédio da oração através do qual a criatura se liga a Deus.

(*) A propósito das situações citadas na mensagem, o grande médium não tinha nenhuma informação prévia sobre o abandono de si mesma por parte da destinatária da carta por ele recebida, tampouco do seu afastamento voluntário.

É PRECISO DESCULPAR PARA ESQUECER.

(-) “Embora haja contrariado a sua ternura, fale ainda que eu sou o seu tesouro. Isso me dará forças para reviver como devo e preciso. Há muito serviço esperando por nós. Não se sinta exonerada da alegria de trabalhar e de viver”.

(*) Egle novamente insiste com a mãe para que a desculpe por havê-la desobedecido.

(*) Coloca isso como condição para que ambas iniciem o processo de recuperação do caos emocional e psicológico em que se encontravam.

(*) A certo trecho de sua carta ela diz: “se algum ressentimento espiar a sua alma querida, não permita que essa sombra possa entrar em seus sentimentos de mãe. Tudo passou. Não ferimos a ninguém. Sempre fomos felizes. Pois agora, mamãe, dê felicidade à sua filha outra vez”.

Mensagem recebida por Francisco Cândido Xavier, extraída do livro “CORREIO DO ALÉM”, - Editora: CEU.

Comentários: Luiz Armando

QUESTÕES DE ESPIRITISMO LEGAL

Tomamos o fato seguinte do Courrier du Falais que o senhor Frédéric Thomas, advogado junto à Corte imperial, publicou em Ia Presse do dia 2 de agosto de 1858. Citamos textualmente, para não descolorir a narração do espiritual escritor. Nossos leitores, facilmente, notarão a forma leve que ele sabe dar, tão agradavelmente, às coisas mais sérias

Depois de apreciar vários assuntos, ele acrescenta: "Temos um processo bem mais estranho do que este a vos oferecer em uma perspectiva próxima: já o vemos despontar no horizonte, no horizonte do Meio Dia; mas onde conduzirá ele? Os ferros estão no fogo, nos escreveram; mas essa segurança não basta. Eis do que se trata: Um Parisense leu, num jornal, que um velho castelo estava à venda nos Pirineus; comprou-o, e, desde os primeiros belos dias da bela estação, ali foi se instalar com os amigos. Ceia-se alegremente, depois vai se deitar mais alegremente ainda. Resta a noite a passar a noite num velho castelo, perdido na montanha. No dia seguinte, todos os convidados se levantam de olhos desvairados, rostos espantados; vão procurar seu hospedeiro, e todos lhe fazem a mesma pergunta com um ar misterioso e lúgubre: não viste nada esta noite?"

O proprietário não responde, tanto ele mesmo está apavorado; contenta-se em fazer um sinal de cabeça afirmativo. Então, confia-se, a voz baixa, as impressões da noite: um ouviu vozes lamentosas, o outro ruídos de correntes; este viu a tapeçaria se mover, aquele um baú saudá-lo; outros sentiram que morcegos gigantescos pousavam sobre seus peitos; é um castelo da Dama-Branca. Os domésticos declaram que, como ao fazendeiro Dickson, os fantasmas os puxaram pelos pés.

O que mais ainda? Os leitos passeiam, as campainhas fazem muito barulho sozinhas, palavras fulgurantes sulcam as velhas chaminés: Decididamente esse castelo é inabitável: os mais apavorados fogem imediatamente, os mais intrépidos afrontam a prova de urna segunda noite. Até meia-noite tudo vai bem, mas desde que o relógio da torre do norte lançou no espaço seus doze soluços, logo as aparições e os ruídos recomeçam; de todos os cantos se lançam fantasmas, monstros com olhar de fogo, dentes de crocodilo, asas peludas: tudo isso grita, pula, range e faz uma algazarra do inferno. Impossível resistir a essa segunda experiência. Desta vez todo mundo deixa o castelo, e hoje o proprietário quer intentar uma ação em decisão por vícios ocultos.

Que espantoso processo esse! E que triunfo para o grande evocador dos espíritos, o senhor Home! Será nomeado perito nessa matéria?

Qualquer que seja, como não há nada de novo sob o sol da justiça, esse processo que talvez se creira uma novidade, não

será senão uma antigüidade: há um pendente que, por ter a idade de duzentos e sessenta e três anos, não é menos curioso. Pois, no ano da graça de 1595, diante do senescal da Guiana, um locatário, de nome Jean Latapy, demanda contra seu proprietário, Robert de Vigne. Jean Latapy pretendia que a casa que de Vigne lhe havia alugado, uma velha casa numa velha rua de Bourdeaux, era inabitável e que deveu deixá-la; depois do que ele demandava para que a anulação do contrato de aluguel fosse pronunciada pela justiça.

Por quais motivos? Latapy, muito ingenuamente, os dá em suas conclusões. "Porque ele havia encontrado essa casa infestada por Espíritos que ora se apresentavam sob a forma de crianças, ora sob outras formas terríveis e apavorantes, os quais oprimiam e inquietavam as pessoas, deslocavam os móveis, produziam ruídos e algazarras por todos os cantos e, com força e violência, lançavam das camas aqueles que nelas repousavam.

“O proprietário de Vigne se opunha, muito energicamente, contra a anulação do contrato. "Desacreditais injustamente minha casa, dizia a Latapy; provavelmente, não tendes senão o que mereceis, e longe de me fazer censura, deveríeis, ao contrário, agradecer-me, porque vos faço ganhar o Paraíso." Eis como o advogado do proprietário

estabelecia essa singular proposição: "Se os Espíritos vêm atormentar Latapy e afligi-lo pela permissão de Deus, disso deve levar a justa pena e dizer como São Jerônimo: *“Quidquid patimur nostris peccatis meremur”*, e não imputar isso ao proprietário que é inteiramente inocente, mas ainda ter gratidão a este que lhe forneceu assim matéria para se salvar nesse mundo de punições que atendiam seus deméritos na outra.”

O advogado, para ser conseqüente, deveria pedir que Latapy pagasse alguma renda a de Vigne pelo serviço prestado. Um lugar no Paraíso não vale seu peso em ouro? Mas o proprietário generoso se contentava com a conclusão de que o locatário fosse declarado não procedente em sua ação, pelo motivo que, antes de intentá-la, Latapy deveria começar, ele mesmo, por combater e expulsar os Espíritos pelos meios que Deus e a Natureza nos dão.

“Por que não usava, escreveu o advogado do proprietário, por que não usava o louro, a arruda plantada ou o sal crepitante nas chamas e carvões ardentes, as penas da poupa, a composição da erva dita aerolus vetulus, com o ruibarbo, com vinho branco, sais suspensos no limiar da porta da casa, couro da testa da hiena, fel de cachorro, que se diz ter uma virtude maravilhosa para expulsar os demônios? Por que não usava a erva Moly, a qual "Mercúrio tendo dado a Ulisses, dela se serviu como antídoto contra os encantos de Circe?..."

É evidente que o locatário Latapy havia faltado a todos os seus deveres não lançando sal crepitante nas chamas, e não fazendo uso do fel de cachorro, de algumas penas da poupa.

Mas como ele foi obrigado a obter também o couro da testa da hiena, o senescal de Bourdeaux achou que esse objeto não era bastante comum, pelo que Latapy não foi desculpado por ter deixado as hienas tranqüilas, e ele ordenou belo e bem a anulação do contrato.

... Demandava para que a anulação do contrato de aluguel fosse pronunciada pela justiça.



DIVULGAÇÃO ESPÍRITA

Bezzerra de Menezes
Do livro: Bezerra, Chico e Você.
Médium:
Francisco Cândido Xavier

Filhos, o Senhor nos abençoe.

Efetivamente, as vossas responsabilidades no plano terrestre vos concitam ao trabalho árduo no que se refere à implantação das idéias libertadoras da Doutrina Espírita, que fomos trazidos a servir. Em verdade, nós outros, os amigos desencarnados, até certo ponto, nos erigimos em companheiros da inspiração, mas as realidades objetivas são vossas, enquanto desfrutardes as prerrogativas da encarnação.

Compreendamos, assim, que a vossa tarefa na divulgação do Espiritismo é ação gigantesca, de que vos não será lícito retirar a atenção.

Nesse aspecto do assunto, urge considerarmos o impositivo da distribuição equitativa e plena dos valores espirituais, tanto quanto possível, a benefício de todos.

Devotemo-nos à cúpula, de vez que em qualquer edificação o teto é a garantia da obra, no entanto, é forçoso recordar que a edificação é de serventia ou deve servir à vivência de quantos integram no lar a composição doméstica. Em Doutrina Espírita, encontramos a Terra toda por lar de nossas realizações comunitárias e, por isso mesmo, a cúpula das idéias é conclamada a exercer a posição de cobertura generosa e benéfica, em auxílio da coletividade.

Não vos isoleis em quaisquer pontos de vista, sejam eles quais forem.

Estudai todos os temas da humanidade e ajustai-vos ao progresso, cujo carro prossegue em marcha irreversível.

Observai tudo e selecionai os ingredientes que vos pareçam necessários ao bem geral. Nem segregação na cultura acadêmica nem reclusão nas afirmativas do sentimento.

Vivemos um grande minuto na existência planetária, no qual a civilização, para sobreviver, há de alçar o coração ao nível do cérebro e controlar o cérebro, de tal modo que o coração não seja sufocado pelas aventuras da inteligência.

Equilíbrio e justiça. Harmonia e compreensão.

Nesse sentido, saibamos orientar a palavra espírita no rumo do entendimento fraternal.

Todos necessitamos de sua luz renovadora.

Imperioso, desse modo, saber conduzi-la, através das tempesta-

des que sacodem o mundo de hoje, em todos os distritos da opinião.

Congreguemos todos os companheiros na mesma formação de trabalho, conquanto se nos faça imprescindível à sustentação de cada um no encargo que lhe compete.

Nenhuma inclinação à desordem, a pretexto de manter coesão, e nenhum endosso à violência sob a desculpa de progresso.

Todos precisamos penetrar no conhecimento da responsabilidade de viver e sentir, pensar e fazer.

Os melhores necessitam do Espiritismo para não perderem o seu próprio gabarito nos domínios da elevação; os companheiros da retaguarda evolutiva necessitam dele para se altearem de condição. Os felizes reclamam-lhe o amparo, a fim de não se desmandarem nas facilidades que transitoriamente lhes enfeitam as horas, e os menos felizes pedem-lhe o socorro, a fim de se apoiarem na certeza do futuro melhor; os mais jovens solicitam-lhe os avisos para se organizarem perante a experiência que lhes acena ao porvir e os companheiros amadurecidos na idade física esperam-lhe o auxílio para suportar com denodo e proveito as lições que o mundo lhes reserva na hora crepuscular.

Assim sendo, tendes convosco todo um mundo de realizações a mentalizar, preparar, levantar, construir.

Não nos iludamos. Hoje dispodes da ação, no corpo que enverga; amanhã seremos nós, os amigos desencarnados, que vos substituiremos na arena de serviço.

A nossa interdependência é total.

E, ante a nossa própria imortalidade, estejamos convencidos de que voltaremos sempre à retaguarda para corrigirmos, retificando os erros que tenhamos, acaso perpetrados.

Mantenhamo-nos, por isso, vigilantes.

Jesus na Revelação e Kardec no Esclarecimento resumem para nós códigos numerosos de orientação e conduta.

Estamos ainda muito longe de qualquer superação, à frente de um e outro, porque, realmente, os objetivos essenciais do Evangelho e da Codificação exigem ainda muito esforço de nossa parte para serem, por fim, atingidos.

Finalizando, reflitamos que sem comunicação não teremos caminho.

Examinemos e estudemos todos os ensinamentos da verdade, aprendendo a criar estradas espirituais de uns para outros. Estradas que se pavimentem na compreensão de nossas necessidades e problemas em comum, a fim de que todas as nossas indagações e questões sejam solucionadas com eficiência e segurança.

Sem intercâmbio, não evoluiremos; sem debate, a lição mora estanque no poço da inexperiência, até que o tempo lhe imponha a renovação. Trabalhemos servindo e sirvamos estudando e aprendendo. E guardemos a convicção de que, na Bênção do Senhor, estamos e estaremos todos reunidos uns com os outros, hoje quanto amanhã, agora como sempre.

PERDA DE ENTES QUERIDOS

Programa MENSAGEIROS NOAR nº 49, pela Rádio Boa Nova

-Alô, amigos! Voltamos ao seu rádio para resgatar cartas psicografadas por Chico Xavier, confirmando a continuidade da vida após a morte do corpo físico.

A mensagem de hoje nos faz voltar ao dia 15 de novembro de 1980.

Naquele feriado, a jovem Egle Aparecida Tavares Spadoni Braga, de apenas 24 anos, curtiu um passeio de moto com o marido.

Casada há apenas quatro meses, experimentava a ventura da experiência conjugal, quando inesperado acidente lhe interromperia o fluxo da vida física de forma absolutamente inesperada.

Filha única, mostrara sempre uma inquietação que mais se assemelhava à pressa de viver intensamente cada minuto de sua curta existência nesta dimensão, pois aos 21 anos já estava formada em Arquitetura, embora trabalhasse com a mãe no 26.º Cartório de Notas da Capital de São Paulo.

Insegura, magoada e cada dia mais triste e sem vontade de continuar vivendo, sua mãe abandonou tudo, inclusive seu trabalho.

A conselho de amigos foi até Uberaba e, através de Chico Xavier, oito meses e dez dias depois, obteve uma mensagem de sua querida Egle, esclarecendo suas dúvidas, deixando-lhe a certeza de que a vida não só continua, como também a esperança de que permaneciam unidas pelo pensamento.

Segundo depoimento de sua mãe “*tudo que continha a aludida mensagem é de sua filha, não só a redação e os assuntos, como também sua assinatura*”, produzindo nela “*calma e confiança, na certeza de que aquelas abençoadas linhas foi a luz que iluminou sua escuridão*”.

A História de uma Mensagem

“*Querida mãezinha Therezinha, unidas vamos pedindo a Deus nos proteja e nos abençoe. Se alguém nos dissesse, há meses, quanto nos cabia aceitar da vida, em matéria de surpresas e tribulações de certo não acreditaríamos. Mas é com a mesma confiança de todos os momentos que venho até aqui com a vovó Hebe rogar-lhe paz e esperança.*”

Mãezinha, levante-se das lágrimas e contemplemos o Céu de Deus! Não esmoreça. Não admita que a sua afeição por mim poderia anular a nossa prova nos desajustes havidos. Agora vou aprendendo devagar que todas as aflições produzem alegria e tranqüilidade, quando lhes atravessamos as sombras de ânimo erguido à fé em Deus. Você que me ensinou a ser forte, auxilie-me agora a vê-la reconfortada. Você, mamãe, que colocou em meus lábios o nome de Deus, escure-se em mim, através da lembrança, para fixarmos a presença de Deus em tudo o que nos rodeia e em tudo o que nos aconteceu.

O nosso querido Roberto não teve culpa. A moto saltou sobre um obstáculo com tamanho ímpeto que me vi atirada no chão. Não tive tempo para pensar. O choque me pensou a cabeça, qual se o meu cérebro se convulsionasse na destruição de si mesmo...

Escutei os chamados do esposo que tentava me reanimar, no entanto, um sono invencível me dominou todas as energias. Nada mais soube senão que acordei num aposento espaçoso e reconfortante, no regaço de alguém que supus fosse você...

A vida é tão perfeita, depois da liberação do corpo físico, que de modo algum me imaginaria transferida de vivência e de plano...

Uma dor de cabeça insistente me travava os movimentos e deixei-me aquietada naquele colo de carinho e de bênção, sem palavras e sem outros sinais que não fossem os meus pensamentos voltados para o Roberto, a fim de tranqüilizá-lo. E digo assim porque a certeza de que estava em sua companhia não se me arredava da mente; com surpresa, porém, logo após, me vi diante da vovó Hebe e da vovó Clementina que me retinham perto do coração. Você pode imaginar o meu espanto, até que a compreensão de tudo desabrochou, de repente, por dentro da minha alma e percebi que era preciso encontrá-la para dizer-lhe que estava mais viva do que antes e que necessitava de sua tranqüilidade para recobrar a minha própria paz.

As queridas benfeitoras me reconfortaram, mas não descansi enquanto não misturamos, nós duas, as mesmas lágrimas. Agora que não preciso detalhar a nossa situação, peço-lhe coragem para retomar os nossos hábitos. Não precisará idear circunstâncias inexistentes, porque o nosso Roberto não teve culpa alguma, repito. Naturalmente, tudo devia suceder qual sucedeu para que nós duas retornássemos à completa integração uma com a outra. Mãezinha, volte ao seu trabalho e perdoe sua filha, se tomei a máquina sabendo que você estaria aflita por minha causa. Perdoe-me e saiba que preciso também de sua paz, a fim de retornar à minha tranqüilidade própria. A casa do tio Irlei e da tia Neusa, é um santo refúgio, mas temos o nosso recanto na cidade.

Não viaje tanto e volte aos nossos documentos do cartório. O trabalho dissolverá nossas penas. Imagine-me ainda sua criança. Ensine-me a falar em Deus, faça-me rezar de novo. Direi que você é a minha mãezinha Therê, e nós duas sozinhas nos beijaremos com aquela certeza de que sou de seus braços por haver nascido de seu coração. Se algum ressentimento espiar a sua alma querida, não permita que essa sombra possa entrar em seus sentimentos de mãe. Tudo passou. Não ferimos a ninguém. Sempre fomos felizes. Pois agora, mamãe, dê felicidade à sua filha outra vez. Não estou contente sem você, mas calma e confiante em Deus. A morte do corpo não nos separará. Embora haja contrariado a sua ternura, fale ainda que eu sou o seu tesouro. Isso me dará forças para reviver como devo e preciso. Há muito serviço esperando por nós. Não se sinta exonerada da alegria de trabalhar e de viver. Com a mãezinha Hebe, mãe de nós duas que nos considerava duas irmãs, deixo-lhe nestas palavras todo o meu carinho e a minha própria vida, a sua filha, sempre a sua filha do coração”.
(Lembranças ao Luiz Carlos).

Egle Aparecida
20 de março de 1981

Os Detalhes da Mensagem

(*)nosso comentário (-) trecho da mensagem

APENAS UM MEIO

–“*O nosso querido Roberto não teve culpa. A moto saltou sobre um obstáculo com tamanho ímpeto que me vi atirada no .chão. Não tive tempo para pensar. O choque me pensou a cabeça, qual se o meu cérebro se convulsionasse na destruição de si mesmo... Escutei os chamados do esposo que tentava me*

reanimar, no entanto, um sono invencível me dominou todas as energias”

(*) Acidentes acontecem e por trás de sua ocorrência, muitas vezes, estão causas a determiná-los a fim de que se cumpra a Lei de AÇÃO E REAÇÃO.

(*) O registro do impacto na cabeça, certamente, dissipou em Egle as reminiscências de ações de outrora, lesivas a área física de outrem ou de si mesma.

(*) – O invencível sono que lhe dominou todas as energias, como afirma, abrandou os desconfortos do momento, precipitando o desligamento espírito-corpo.

QUEIMA DOS LIVROS DE KARDEC

Auto-de-fé de Barcelona 21 DE SETEMBRO DE 1861

A pedido do Sr. Lachâtre, então estabelecido em Barcelona, eu lhe expedira uma quantidade de O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, as coleções da Revista Espírita e diversas obras e brochuras espíritas, formando um total em torno de 300 volumes. A expedição fora feita regularmente pelo seu correspondente em Paris, numa caixa contendo outras mercadorias, e sem a menor infração à legalidade. Na chegada dos livros, se fez o destinatário pagar os direitos de entrada, mas, antes de liberá-los, deveu-se submetê-los à apreciação do Bispo, a autoridade eclesiástica sendo, nesse país, a polícia das livrarias. Este estava então em Madri; em seu retorno, sobre o relatório que disso lhe foi feito, ordenou que as ditas obras fossem apreendidas e queimadas em praça pública, pela mão do carrasco. A execução da sentença foi fixada para 9 de outubro de 1861. Se se tivesse procurado introduzir essas obras por contrabando, a autoridade espanhola estaria em seu direito de dispor delas à sua maneira; mas, desde o instante que não houve fraude nem surpresa, o que provam os direitos voluntariamente pagos, era de rigorosa justiça que se lhes ordenasse a reexportação, se não lhe conviesse admiti-los. As reclamações feitas junto ao consul francês, em Barcelona, foram sem resultado. O Sr. Lachâtre me perguntou se era preciso submetê-los à autoridade superior; o meu conselho foi o de deixar consumir-se esse ato arbitrário; todavia, acreditei dever tomar o do meu guia espiritual.

Pergunta (À Verdade) - Não ignorais, sem dúvida, o que vem de se passar em Barcelona a respeito das obras espíritas; teríeis a bondade de me dizer se convém perseguir a sua restituição?

Resposta. - Em direito podes reclamar essas obras, e delas, certamente, obtereis a restituição, dirigindo-se ao Ministro dos assuntos estrangeiros da França. Mas a minha opinião é que resultará desse auto-de-fé um bem maior que não produziria a leitura de alguns volumes. A perda material não é nada em comparação com a repercussão que semelhante fato dará à Doutrina. Compreendes o quanto uma perseguição tão ridícula e tão atrasada poderá fazer o Espiritismo progredir na Espanha. As idéias se difundirão com tanto mais rapidez, e as obras serão procuradas com tanto mais diligência, quanto as tiver queimado. Tudo está bem.

Pergunta. . Convém fazer, a esse respeito, um artigo no próximo número da Revista?

Resposta. . Espera o auto-de-fé.

Auto-de-fé de Barcelona 9 DE OUTUBRO DE 1861

Esta data marcará, nos anais do Espiritismo, pelo auto-de-fé dos livros espíritas em Barcelona. Eis o extrato da ata da execução:

"Neste dia, nove de outubro, de mil oitocentos e sessenta e um às

dez horas e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona, no lugar onde são executados os criminosos condenados ao último suplício, e por ordem do Bispo desta cidade, foram queimados trezentos volumes de brochuras sobre o Espiritismo, a saber: O Livro dos Espíritos, por Allan Kardec... etc.”

Os principais jornais da Espanha deram conta detalhada desse fato, que os órgãos da imprensa liberal desse país, justamente estigmatizaram. Há a se notar que, na França, os jornais liberais se limitaram a mencioná-lo sem comentários. O próprio Siècle, tão ardente em estigmatizar os abusos de poder e os menores atos de intolerância do clero, não encontrou uma palavra de reprovação para esse ato digno da Idade Média. Alguns jornais, da pequena imprensa, nisso encontraram mesmo o dito espirituoso para rir. Toda crença à parte, havia ali uma questão de princípio, de direito internacional interessando a todo o mundo, sobre a qual não teriam passado tão levemente se se tratasse de certas outras obras. Não calam a censura quando se trata de uma simples recusa de estampilha para a venda de um livro materialista; ora, a inquisição erguendo as suas fogueiras com a antiga solenidade, à porta da França, tinha bem maior gravidade. Por que, pois, essa indiferença? É que se tratava de uma doutrina cuja incredulidade via com terror os progressos; reivindicar a justiça em seu favor, era consagrar o seu direito à proteção da autoridade, e aumentar o seu crédito. Seja como for, o auto-de-fé de Barcelona com isso não produziu menos o efeito esperado, pela ressonância que teve na Espanha, onde contribuiu poderosamente para propagar as idéias espíritas. (Ver a Revista Espírita de nov/1861, página 321.)

“Esse acontecimento deu lugar a numerosas comunicações da parte dos Espíritos. A que se segue foi obtida espontaneamente na Sociedade de Paris, em 19 de outubro, em meu retorno de Bordeaux.

"Faltava alguma coisa que castigasse com um golpe violento certos Espíritos encarnados para que se decidissem a se ocupar dessa grande Doutrina que deve regenerar o mundo.

Nada está inutilmente feito sobre a vossa Terra para isso, e, nós que inspiramos o auto-de-fé de Barcelona, sabíamos bem que, assim agindo, faríamos dar um passo imenso à frente.

Esse fato brutal, inaudito nos tempos atuais, foi consumado para o efeito de atrair a atenção dos jornalistas que estavam indiferentes diante da agitação profunda que movimentava as cidades e os centros espíritas; deixavam dizer e deixavam fazer; mas se obstinavam em fazer ouvidos de mercador; e respondiam pelo mutismo ao desejo de propaganda dos adeptos do Espiritismo. Quer queiram quer não, é preciso que dele falem hoje; uns constatando o histórico do fato Barcelona, os outros desmentindo-o, deram lugar a uma polêmica que fará volta ao mundo, e da qual só o Espiritismo aproveitará. Eis porque, hoje, a retaguarda da inquisição fez o seu último auto-de-fé, assim como o quisemos. "

UM ESPÍRITO.

Texto extraído do livro OBRAS PÓSTUMAS, editado na França após o desencarne de Kardec. Comentários: Luiz Armando

**Allan KardeChico Xavier
Baluartes da Codificação**

...A perda material não é nada em comparação com a repercussão que semelhante fato dará à Doutrina...

MURAL DE RECADOS SOBRE A DIVULGAÇÃO DA DOCTRINA ESPÍRITA

As mensagens edificantes do Além, não se destinam apenas à expressão emocional, mas, acima de tudo, ao teu senso de filho de Deus, para que faças o inventário de tuas próprias realizações e te integres, de fato, na responsabilidade de viver diante do Senhor.



Emmanuel / Chico Xavier

“O impresso é a forma de comunicação mais rápida e mais fácil e é por ele que os nossos Amigos da Vida Maior estão dialogando com a comunidade, socorrendo o maior número de pessoas contra suicídios, delitos, agressões, violências, conflitos inúteis e toda uma lista de infortúnios, no campo do Espírito”.



Francisco Cândido Xavier.

Velha amiga contou-nos que sempre carrega consigo algumas mensagens para ler no ônibus. Certo dia, com o horário ultrapassado, resolveu apanhar um táxi a fim de recuperar o tempo. Notou, porém, que o taxista não estava bem, deixando transparecer grande preocupação. Nossa amiga pediu licença para ler uma mensagem. Embora o homem nada respondesse, ela começou a ler a página de autoria de Meimei intitulada! “Confia Sempre”. Terminada a leitura o homem parou o carro e chorou copiosamente, sem conseguir de pronto dar qualquer explicação e, após se recompor emocionalmente, abriu o porta-luvas e mostrou um revólver que acabara de comprar, com o qual pretendia tirar a vida de sua esposa.

Miguel Pereira
Do livro: MENSAGEM ESPÍRITA, UM CAMINHO DE LUZ

Quase sempre, em nossas tarefas, depois de um longo tempo, acabamos nos acomodando e as realizações começam a ficar automatizadas.

Assim aconteceu conosco na direção do Grupo. Não que a tarefa deixasse de ser realizada; é que, ante a nossa acomodação natural, deixamos de ter uma visão mais ampla, a nos permitir divisar as possibilidades de melhorar, criar e desenvolver novas metas.

Felizmente, trabalhamos na Doutrina Espírita, com a ajuda incondicional da Espiritualidade Superior, e segue o que aconteceu conosco.

Dentro deste planejamento Divino, certo dia, através de um médium do Grupo, o mentor espiritual, Bатуíra, nos manda o seguinte recado:

-”Filhos queridos!

Jesus nos sustente a vontade de servir.

Venho como companheiro de jornada, reforçar a lembrança dos nossos compromissos ante a Justiça Divina para dizer-vos que o comodismo alimenta a estagnação e impede que vejamos caminho à frente.

A tarefa exige disciplina, mas, acima de tudo, uma ação participativa que nos coloque em sintonia permanente com os Desígnios Superiores.

Dentro do planejamento, verificando o efeito benéfico que as mensagens levam como consolação e esclarecimento, imaginamos que os povos que falam outras línguas também tenham o direito de serem esclarecidos e consolados.

Para tanto, estudemos a possibilidade de irmos a imprimir mensagens em outros idiomas.”

O efeito do recado foi grandioso.

Além da alegria de atendermos os anseios de um irmão tão querido, como Bатуíra, divisamos a possibilidade de progresso em nosso trabalho.

Quinze dias depois já havíamos lançado o Informativo Os Mensageiros e, com a ajuda de novos companheiros engajados no Grupo, iniciamos a tradução de mensagens para outros idiomas.

Miguel Pereira
do livro: MENSAGEM ESPÍRITA, UM CAMINHO DE LUZ



Vedes que em tudo isso, nem proprietário, nem locatário, nem juízes colocam em dúvida a existência das algazarras dos Espíritos. Pareceria, pois, que há mais de dois séculos os homens eram já quase tão crédulos quanto hoje; nós os ultrapassamos em credulidade, isso está na ordem: é bem preciso que a civilização e o progresso se revelem em algum lugar.”

Essa questão, do ponto de vista legal, e abstração feita dos acessórios com os quais o narrador a ornou, não deixa de ter seu lado embaraçante, porque a lei não previu o caso em que Espíritos barulhentos tornam uma casa inabitável. Está aí um vício redibitório? Em nossa opinião há pró e contra: isso depende das circunstâncias. Trata-se primeiro de examinar se o barulho era sério, ou se não era simulado por um interesse qualquer questão preliminar e de boa fé, que prejudica todas as outras. Admitindo os fatos como reais, é preciso saber se são de natureza a perturbar um repouso. Se se passavam, por exemplo, coisas como em Bergzabern(1)((1) Ver os números de maio, junho e julho da Revista Espírita.) é evidente que a posição não seria sustentável.

O pai Senger suportou isso porque estava nele e porque não pôde fazer de outro modo; mas um estranho não se acomodaria, de modo algum, numa habitação que ouvisse constantemente ruídos ensurdecedores, onde os móveis são empurrados e tombados, onde as portas e as janelas se abrem e se fecham desprovidas de bom senso, onde os objetos vos são atirados à cabeça por mãos invisíveis, etc. Parece-nos que, em semelhante ocorrência, incontestavelmente, há lugar para a reclamação, e que em boa justiça, uma tal compra não poderia ser validada, se o fato havia sido dissimulado.

Assim, em tese geral, o processo de 1595 nos parece ter sido bem julgado, mas é uma questão subsidiária a esclarecer, e só a ciência espírita poderia levantá-la e resolvê-la. Sabemos que as manifestações espontâneas dos Espíritos podem ocorrer sem objetivo determinado, e sem estarem dirigidas contra tal ou tal indivíduo; que há, efetivamente, lugares assombrados pelos Espíritos barulhentos que parecem ali elegerem domicílio, e contra os quais todas as conjurações usadas fracassaram.

Dizemos, em forma de parênteses, que há meios eficazes de se desembaraçar deles, mas que esses meios não consistem na intervenção de pessoas conhecidas por produzirem à vontade semelhantes fenômenos, porque os Espíritos que estão às suas ordens, são precisamente da natureza daqueles que se quer expulsar. Sua presença, longe de afastá-los, não poderia senão atrair outros.

Mas sabemos também que numa multidão de casos essas manifestações são dirigidas contra certos indivíduos, como em Bergzabem, por exemplo. Os fatos provaram que a família, mas sobretudo a jovem Philippine, dela era objeto direto; de tal sorte que estamos convencidos de que, se essa família deixasse sua morada, os novos habitantes não teriam nada a temer, a família levaria com ela suas atribuições para o seu novo domicílio.

O ponto a examinar, numa questão legal, portanto, seria este: as manifestações haviam ocorrido antes da entrada ou somente depois da entrada do novo proprietário? Nesse último caso, permaneceria evidente que foi este que trouxe os Espíritos perturbadores, e que a responsabilidade lhe incumbe

inteiramente; se, ao contrário, as perturbações haviam ocorrido anteriormente, e persistem, é que elas se prendem ao próprio local, e então a responsabilidade nisso é do vendedor.

O advogado do proprietário raciocinou na primeira hipótese, e seu argumento não estava desprovido de lógica. Resta saber se o adquirente havia trazido consigo seus hóspedes inoportunos, é o que o processo não disse.

Quanto ao processo atualmente pendente, cremos que o meio de proporcionar boa justiça seria de fazer as constatações das quais acabamos de falar. Se elas conduzem à prova da anterioridade das manifestações, e se o fato foi dissimulado pelo vendedor, o caso é daquele de todo adquirente enganado sobre a qualidade da coisa vendida.

Ora, manter a compra em semelhante ocorrência, será talvez arruinar o adquirente pela depreciação do imóvel; seria pelo menos causar-lhe um prejuízo notável, constringendo-o a guardar uma coisa da qual não pode fazer uso, como de um cavalo cego que se lhe houvesse vendido por um bom cavalo.

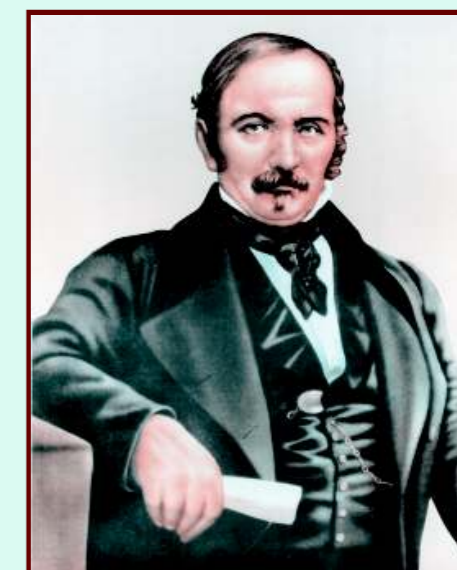
Qualquer que seja, o julgamento a interpor-se deve ter conseqüências graves; que a compra seja anulada, que seja mantida por falta de provas suficientes, é igualmente reconhecer os fatos das manifestações.

Repelir a demanda do adquirente como fundada numa idéia ridícula, é se expor a receber, cedo ou tarde, um desmentido da experiência, como, em tantas outras vezes, receberam os homens esclarecidos que muito se apressaram em negar as coisas que não compreendiam.

Se podemos censurar, aos nossos pais, de haverem pecado por muita credulidade, nossos descendentes nos censurarão, sem dúvida de termos pecado pelo excesso contrário.

À espera disso, eis o que acaba de se passar sob os nossos olhos e do que nós mesmos constatamos em realidade; citamos a crônica de La Patrie, do dia 4 de setembro de 1858:

Matéria extraída da REVISTA ESPÍRITA
Publicada em Outubro de 1.858, por ALLAN KARDEC



Conto de Natal



A noite é quase gelada...
Contudo, Mariazinha
É a menina de outras noites
Que treme, tosse e caminha...

Guizos longe, guizos perto...
É Natal de paz e amor.
Há muitas vozes cantando:
-“Louvado seja o Senhor!”

A rua parece nova
Qual jardim que floresceu.
Cada vitrine enfeitada
Repete: “Jesus nasceu!”

Descalça, vestido roto,
Mariazinha lá vai...
Sozinha, sem mãe que a beije,
Menina triste, sem pai.

Aqui e ali, pede um pão...
Está faminta e doente.
-“Vadia, saia depressa!”
É o grito de muita gente.

-“Menina ladra ! outros dizem.
-“Fuja daqui, pata feia!
Toda criança perdida
Deve dormir na cadeia.”

Mariazinha tem fome
E chora, sentindo em torno
O vento que traz o aroma
Do pão aquecido ao forno.

Abatida, fatigada,
Depois de percurso enorme,
Estira-se na calçada...
Tenta o sono mais não dorme.

Nisso, um moço calmo e belo
Surge e fala, doce e brando:
- Mariazinha, você
Está dormindo ou pensando?

A pequenina responde,
Erguendo os bracinhos nus:
- Hoje é dia de Natal,
Estou pensando em Jesus.

- Não recorda mais alguém?
E ela, a chorar, disse: -Eu
Penso também com saudade,
Em minha mãe que morreu...

- Se Jesus aparecesse,
Que é que você queria?
- Queria que ele me desse
Um bolo da padaria...

Depois de comer, então
- E a pobre sorriu contente
Queria um par de sapatos
E uma blusa grande e quente...

Depois... queria uma casa,
Assim como todos têm...
Depois de tudo... eu queria
Uma boneca também...

- Pois saiba Mariazinha,
Eu lhe digo que assim seja!
Você hoje terá tudo
Aquilo que mais deseje.

- Mas, o senhor quem é mesmo?
E ele afirma, olhos em luz:
- Sou seu amigo de sempre,
Minha filha, eu sou Jesus!...

Mariazinha, encantada,
Tonta de imensa alegria,
Pôs a cabeça cansada
Nos braços que Ele estendia...

E dormiu, vendo-se outra,
Em santo deslumbramento,
Aconchegada a Jesus
Na glória do firmamento.

No outro dia, muito cedo,
Quando o lojista abre a porta,
Um corpo caiu, de leve...
A menina estava morta.

FRANCISCA CLOTILDE

Psicografia: Francisco Cândido Xavier
Livro: Antologia Mediúnica do Natal